



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Duelos verbais periféricos no centro da cidade: relações raciais e políticas do improviso na batalha da escadaria. Contribuição à Antropologia do Hip Hop no Recife.

Autoria: Neilton Felix da Silva (UFPE)

Assim como as políticas públicas do carnaval do Recife, mostram, existe hierarquia entre as culturas populares e esta se exprime através do espaço alegado a elas. De modo que, as ruas surgem como um local "aberto", e talvez, único para muitos pernambucanos, de contato com algum tipo de arte. Pois, "quando a luz do sol se esvaia dando lugar ao luar, auxiliada por lâmpadas em seus altos postes", bem no "coração" do grande polo comercial do Recife/PE. Uma paralela à Avenida Boa Vista, é ocupado pela "Batalha da Escadaria", um movimento urbano artístico popular da cultura Hip Hop pernambucana, existente há 13 anos. Tendo como destaque o MCing (na cultura Hip Hop, nome dado a prática dos masters of ceremony "MC"s "Mestres de Cerimônia, improvisando falas ritmadas e rimadas sobre músicas sampleadas). A simbólica atrás da escolha deste lugar como palco de pura expressão é tomada da palavra, não pode ser negligenciada para esses jovens entre 14 a 30 anos de idade, a grande maioria negra (pretos e pardos), de gênero masculino, e oriundo da "quebrada", da "ré", e outras periferias da região. Mas a Batalha da Escadaria tem uma particularidade estética que a distingue das práticas de poesia urbana que se multiplicam há alguns anos no Brasil e no Estado, as cenas ou batalhas de "slam", hoje amplamente associadas à poesia e discursos politizados, e também, considerados vínculos educacionais, e nas quais, hoje, várias mulheres atuam. Na Batalha da Escadaria, o que acontece entre os MC"s, é a chamada "batalhas de sangue", que configura em ataques e trocas de insultos, "baixarias" muitas vezes de ordem sexual. Como prática performática organizada entorno da rima e do duelo verbal, parece sofrer diferentes influências que poderiam marcar alguma singularidade do MCing pernambucano ou recifense, singularidade que este projeto de mestrado busca identificar, compreender e analisar. Sendo assim, o presente work, buscará fazer uma descrição e análise dos processos performativos (a nível discursivo) dos duelos verbais, e de suas interações em relação a sua inserção na cidade numa perspectiva interseccional (território, raça e classe).

[Trabalho completo](#)



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: